

**JOÃO WILSON MENDES DE MELO
OTTO DE BRITO GUERRA**

**JOÃO WILSON MENDES DE MELO
NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

**COLEÇÃO MOSSOROENSE
SÉRIE "B"
NÚMERO 571
1989**

**JOÃO WILSON MENDES DE MELO
OTTO DE BRITO GUERRA**

**JOÃO WILSON MENDES DE MELO
NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

**COLEÇÃO MOSSOROENSE
SÉRIE "B"
NÚMERO 571
1989**

A Secretaria Geral do Ministério da Educação colaborou com a edição deste Título.

Homenagem especial a MANUEL MARCOS MACIEL FORMIGA.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ FUNDAÇÃO GUIMARÃES DUQUE (Iniciada em 1948, na gestão do Prefeito Municipal Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, liderada pela Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a partir de 1974, sob a Direção da Fundação Guimarães Duque, a começar de 1978. A BATALHA DA CULTURA estabeleceu as seguintes METAS PARA O ANO DE 1997:

ANOS	TÍTULOS	LIVROS	PLAQUETAS
1948-1988	1.188	434	754
1989	100	60	40
1990	100	60	40
1991	100	60	40
1992	100	60	40
1993	100	60	40
1994	100	60	40
1995	66	60	06
1996	60	60	00
1997	86	86	00
Total	2.000	1.000	1.000

Em 25 de setembro de 1997, a Fundação Guimarães Duque pretende atingir os 1.000 livros, num universo de 2.000 títulos, na XXIIIª Noite da Cultura, na Loja M açônica Jerônimo Rosado.

Mossoró,Rn.

REVISTA
DA ACADEMIA
NORTE - RIO - GRANDENSE
DE LETRAS

Volume 32 Número 20

Natal/RN - Março 1988

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO JOÃO WILSON MENDES MELO (CADEIRA Nº 25) PELO ACADÊMICO OTTO DE BRITO GUERRA

Reflexo da inexorável lei da vida humana, experimentam as Academias de Letras processo constante de renovação nos seus quadros. Guardam eles, carinhosamente, o valioso contributo cultural de companheiros que já se partiram e recebe dos sucessores novas e ricas achegas.

Nesta noite, Deus louvado, nossa Casa promove uma reunião solene para receber, jubilosa, novo confrade, embora recordando os dois anteriores ocupantes da Cadeira n. 25, de que é patrono o poeta PONCIANO BARBOSA e que foram o jornalista ADERBAL DE FRANÇA, seu fundador e o teatrólogo MEIRA PIRES.

A mim, sr. JOÃO WILSON MENDES MELO, cabe receber-vos e dizer que a ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS e a cultura de nossa terra, de um modo geral, muito esperam de vós. Não sois nenhum noviço no mundo das letras e das ciências, comprovando o vosso currículo atividades proveitosas e constantes, desde muito cedo.

Atividades Juvenís

É comum a precocidade intelectual da juventude brasileira, principalmente na poesia e no jornalismo, por vezes no conto. Mais difícil no romance ou nos variados ramos da ciência. No vosso caso, vamos encontrar-vos em 1937 dirigindo, com Jessé Dantas Cavalcanti, na cidade de Ceará Mirim, um minúsculo jornal, "O Idealista" que se intitulava, convencidamente, "órgão literário e noticioso". Contáveis 16 anos. Aí por essas alturas, também colaborastes no jornal "A Razão" de Natal.

Passados alguns anos, eréis aluno do Ateneu Norte-Rio-Grandense. Um sopro de renovação sacudia o centenário estabelecimento, mercê dos esforços do seu jovem diretor, Alvarado Furtado de Mendonça. Ele promoveria, em 1943, o Primeiro Curso de Conferências, a cargo dos próprios alunos. Cada palestrante era apresentado por um escritor: Alvarado Furtado de Mendonça, Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa e Esmeralda Siqueira, nomes que só por si dispensam outros comentários.

Teve esse Primeiro Curso a participação entusiásta dos seguintes alunos: **Rivaldo Pinheiro**, que desenvolveria o tema "Retrato de uma Hora de Transição"; **Antonio Pinto de Medeiros**, a discorrer sobre "Anatole France"; **João Wilson Mendes Mélo**, analisando a "Presença de alguns mortos" no caso Dante, Cervantes e Antero de Quental; finalmente **Luiz Inácio Maranhão Filho**, ocupando-se da "Lembrança de Zaratustra".

A iniciativa sacudiu o torpor do velho educandário e a imprensa natalense deu-lhe ampla cobertura. Mereceu uma "Acta Diurna" do mestre Câmara Cascudo, publicada n' "A República" de 6 de novembro de 1943. Ele notara nesses moços orientação para o universal e o político sobre o nacional e o objetivo. Américo de Oliveira Costa, em artigo para "A República" (27 de junho de 1943) dizia das conferências, com sua costumeira elegância de estilo: "Conheço-lhes a inteligência e a sensibilidade ágeis e inquietas, a permanente preocupação do enriquecimento espiritual". Por sua vez Aluizio Alves, n' "A República" de 8 de agosto de 1943, louvava a iniciativa dessas conferências, "dando ensejo a que jovens inteligentes revelassem qualidades que de outra forma poderiam continuar esquecidas ou ignoradas". E adiantava que a escolha dos conferencistas reunira "o que de mais brilhante e inteligente temos na nova geração". Finalmente Raimundo Nonato Fernandes, literato que as lides fôrenses e o magistério absorveram, traçava interessantes paralelos entre os vários palestrantes, em artigo n' "O Diário" de 30 de agosto de 1943, sob o título "Conversando com os moços".

E' importante relembrar, nesta hora, as palavras do então diretor do velho Ateneu, professor Alvarado Furtado, abrindo o ciclo de palestras. Seu discurso está publicado n' "A

República” de 11 de julho de 1943 Caminhava-se para o final da Segunda Guerra Mundial, que ainda se prolongaria até 1945.

Idealista, sonhando com um mundo mais sensato, no após guerra, fato que o futuro, infelizmente, não confirmaria, proclamava, convicto, Alvamar Furtado: “Dos escombros que surgirão aos olhos dos que sobreviverem no instante em que os homens deixarem cair as armas e a opressão desaparecer para sempre, haverá de ressurgir um mundo diferente, construído sobre as experiências destes dias infelizes”.

Vale também recordar suas palavras de advertência e orientação aos alunos, ainda hoje oportunas:

“Hoje, que estou na direção deste velho e querido educandário e assisto neste nosso Estado o perigo de uma inversão social e econômica, proveniente de uma situação criada pela guerra entre nós, quando os intelectuais estão ameaçados no seu prestígio pelo domínio imperioso e avassalante dos “nouveaux-riches”, sinto-me no dever de proporcionar aos estudantes deste Colégio uma educação diferente da que anteriormente tivemos. Ajustando-os às contingências do momento. Ensinando-os a amar e admirar o que os povos produziram de belo e eterno”.

O JORNALISTA

Mesmo com a concorrência do rádio e da televisão, continua o prestígio do jornal e do jornalista. Porque se a televisão nos transmite - até em cores, a imagem de forma dinâmica e o rádio nos faz escutar, no mesmo instante, a notícia ou o comentário da ocorrência, entretanto falta a esses dois potentes veículos de comunicação social um requisito, próprio do jornal. Este fixa os fatos e as idéias no papel, permitindo a leitura demorada, a reflexão, a guarda de tudo quanto passará fugasmente nos outros dois instrumentos. Muito embora, modernamente, a fita gravada e o video-cassete permitam aos outros dois vencer essa fugacidade. Mas resta a questão do custo desse novo instrumental, comparado à maior democratização do jornal.

Em geral, os moços têm atração particular por todos os meios de comunicação de massa. Não escapastes à sedução, sr. João Wilson, desde muito cedo, mesmo pondo de lado aquela precoce e curta experiência dos 16 anos, em Ceará Mirim. Fostes redator do jornal “A República”, de

tão longa tradição. Colaborastes no diário católico “A Ordem”, que marcou época na história religiosa e social do nosso Estado. Dela chegastes a ser colaborador, com apreciados artigos. Tendes colaborado igualmente na revista RN-Econômico, noutras publicações, seja a LBA, da qual fostes Procurador e Diretor de Divisão, seja da Universidade Federal do Rio Grande do Norte “Tempo Universitário”, ou da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a cujos quadros pertenceis bem como nas revistas da nossa Academia.

Quanto aos temas versados, variam bastante, confirmando vossas múltiplas preocupações, todas centradas no homem e seus problemas, inclusive as de natureza espiritual. Não foi sem razão que o saudoso economista Fernando de Oliveira Mota, prefaciando um dos vossos escritos, vos considerou ligado à escola e ensinamentos do notável padre Lebrecht, fundador do grupo “Economia e Humanismo”, autor de estudos sobre o Brasil, num deles ocupando-se argutamente dos problemas de desenvolvimento do Nordeste brasileiro.

O PROFESSOR

Nas atividades humanas, poucas missões equiparam-se ao magistério. Vocação que, no dizer de um dos documentos do Concílio Vaticano II, “exige dotes peculiares de espírito e de coração, preparação muito esmerada, prontidão contínua de renovar-se e adaptar-se”.

Desde muito cedo vos entregastes a tão nobre mister, com dedicação e competência. Fostes professor da antiga Escola Técnica de Comércio de Natal, criação do incansável apóstolo Ulisses de Gois, precursora do ensino comercial e contábil no R. G. do Norte. Nela ministrastes aulas de História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil e também de Português. Essa Escola constituiu um dos primeiros setores da ação social católica em nosso meio. Ensinastes, ainda, no Seminário S. Pedro, do qual era Reitor o então Cônego José Adelino Dantas.

Mais tarde, vos dedicarieis ao Ensino Superior, sendo professor de Direito Usual e de Economia Social, na então Escola de Serviço Social de Natal, ligada à mesma ação social católica e que vi nascer, sendo seu professor durante 25 anos. Fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, iniciativa da Associação de Professores, en-

sinastes História da Antiguidade e da Idade Média, ocupando a vice-direção por algum tempo. Fui também um dos fundadores dessa Faculdade, cabendo-me as aulas de Geografia Humana e depois de Sociologia.

Juntamente com Ulisses de Gois, Hélio Galvão e outros, promovestes a fundação e posterior reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômica, Contábeis e Atuariais de Natal, sendo professor de Economia Política, ramo em que vos especializastes em 1959, frequentando um Curso de Treinamento em Problemas de Desenvolvimento Econômico, na cidade do Recife, sob a orientação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), ligada à ONU. Dela fostes o diretor, durante 8 anos, até a federalização.

Constituída a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graças ao esforço hercúleo de Onofre Lopes e seus colaboradores, que acompanhei tão de perto, passastes a professor de Filosofia da História no Instituto de Ciências Humanas. Agora, sois professor de Introdução ao Estudo da História no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da mesma Universidade.

HOMEM DA IGREJA

A partir do Concílio Vaticano II, ficou suficientemente definida a posição do leigo no seio da Igreja Católica, não mais constituindo uma espécie de segunda classe, ou reserva, mas ativo integrante do Povo de Deus. Na expressão do recentíssimo Código de Direito Canônico assiste ao leigo o dever especial, cada um segundo a própria condição de animar e aperfeiçoar, com o espírito evangélico, a ordem das realidades temporais. Seu campo de ação é o mundo em que vivemos.

Antes mesmo destas definições, que importaram na maioria do leigo dentro da Igreja Católica, já vinheis colaborando, de maneira efetiva, na evangelização e na promoção humana em Natal, desde o tempo do então padre Eugênio de Araújo Sales, hoje arcebispo do Rio de Janeiro e Cardeal.

Eram os tempos inesquecíveis da Ação Católica, tão estimulada por PIO XI. O Padre Eugênio, como era conhecido, coordenava os movimentos da Juventude Masculina, enquanto o Padre Nivaldo Monte aqueles da Juventude Feminina. Tais movimentos não se empenhavam tão só no tra-

balho propriamente religioso, na esfera espiritual, mas também se dedicavam à ação social, atuando junto às concretas realidades terrestres do dia a dia, com espírito evangélico. Vieram assim juntar-se a diversas outras iniciativas, anteriores ou posteriores, que constituíram o chamado "Movimento de Natal", que ganhou fama internacional, merecendo uma série de estudos em jornais, revistas, livros e teses de doutorado, dentro e fora do Brasil.

Estimulado pelo Padre Eugênio, um grupo de rapazes dedicou-se particularmente à promoção social e espiritual de menores no bairro do Morro Branco em Natal. Foi procedido por eles um levantamento de quantos careciam de escolas, verificando-se número superior a 300 crianças. Construiu-se uma casa rustica que servia de escola e de ambulatório médico dentário e centro de catecismo. A' noite funcionava uma aula de alfabetização de adultos. O trabalho prosperou e é hoje a Casa da Criança, confiada às Filhas de S. Vicende de Paula, ou Irmãs de Caridade. Já depois, viria um Centro Social, que tomou a denominação de "Celso Sales" desenvolvendo trabalho comunitário.

Estaveis entre esses pioneiros, sr. João Wilson, juntamente com José de França Monte, falecido tão prematuramente, Waldemiro Nascimento, Raimundo Nonato Costa, Waldemiro Cunha, Manuel da Cunha Rego Madruga, Jairo Toneli e vários outros.

Continuando no vosso retrato, depõe, adiante, Alvarar Furtado:

"Anos depois nos reencontramos numa missão comum, que ainda hoje nos impõe o magistério superior. A mesma compostura, o mesmo comportamento. O mesmo homem afinal. Fiel a si mesmo e às suas convicções."

Também teriam início trabalhos com menores em Ponta Negra, onde existe hoje um Abrigo de Menores, saído daquela sementeira. Um prédio estava abandonado e o Padre Eugênio obteve sua doação, feito pelo Ministério da Saúde.

Participaríeis, juntamente com o Padre Eugênio, que também me convidou e à minha esposa, da fundação da conhecida Obra do Bom Pastor de recuperação e promoção da mulher, cabendo-vos prestar dedicada assistência jurídica.

Esta longa experiência nos trabalhos da Igreja vos levaria, mais tarde, à presidência de Secretariado Arquidiocesano de Ação Social, à presidência do SAR (Serviço de

Assistência Rural) substituindo o Conego Eugênio Sales, mantenedor das Escolas Radiofônicas e suporte da Emissora de Educação Rural, Serviços de Cooperativismo e Artesanato (COPALA) — E também à orientação do Sindicalismo Rural. Presidiríeis também, sucedendo-me, a Liga Eleitoral Católica, cujas responsabilidades avultavam nos períodos eleitorais, tão difíceis e que passaria por uma reestruturação.

Cabe registrar, também, vossa atuação como Pro-Reitor para Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de maio de 1975 a maio de 1979 em que tivestes a iniciativa de criar e por em funcionamento, os seguintes serviços de promoção e assistência ao estudante universitário: Serviço Social do Estudante, Serviço de Aconselhamento Psicossocial e Vocacional, Serviço Médico do Estudante, Serviço Odontológico do Estudante, Serviço de Ensino Auxiliar em Família, Grupo Universitário Pro-Arte (Atelier), Serviço de Assistência Jurídica ao Estudante, Instrução e Assistência Religiosa, Cooperativa Cultural Universitária e as Bolsas de Arte, Esporte, Pesquisa, Extensão, Especial, Residência e Alimentação, bem como o Grupo Folclórico Panã-Paná. Alguns desses Serviços, como os de Bolsas de Arte e de Esporte foram depois adotados em caráter nacional pelo Ministério de Educação e Cultura e outros adotados em várias Universidades do país, como o Ensino Auxiliar em Família e o Atelier de Arte.

TRABALHOS PUBLICADOS

Acontece frequentemente com os nossos intelectuais que, ou absorvidos pelos misteres da profissão, pela chamada “vida prática”, ou mesmo por uma certa displicência, vão a pouco e pouco deixando para mais tarde a realização de estudos e a publicação, em livro, de suas pesquisas e reflexões. Terminam, muitos, seus dias sem deixar marca maior da sua passagem, nem os frutos de seu talento e da sua rica experiência.

Convosco, sr. João Wilson, tal não vem acontecendo. Tende publicada uma série de folhetos, versando temas ligados à vossa especialização, que não se limita às lides forenses — sois competente advogado militante — mas tratando de assuntos econômicos e ligados à história.

Inicialmente, eram plaquetes. A primeira delas "História e Atualidade" (1966), tinha apresentação de Alvarado Furtado, que escrevia "Quando se fizer, um dia, um retrato da geração que criou em nosso meio um espírito universitário, dando alma à estrutura natural da Universidade, o nome de João Wilson Mendes Mélo não pode ser esquecido". Penetrando na análise de vossa personalidade, acrescentava o prefaciador:

"Há realmente na sua pessoa uma tranquilidade quase monástica e, e em seus óculos de "scholar", a transparência do estudioso, que não engana nem ilude ninguém. Não há no seu tipo a elasticidade do atleta, a expectativa de uma atitude em que o esforço físico entre como fator decisivo, mas na placidez de seu comportamento espera-se, de pronto, um estudo consciencioso dos problemas que estão sob a sua responsabilidade intelectual.

Tem-se a impressão que João Wilson desde menino mantém essa aparência sem inquietações, de precoce seriedade, que não o sugere de baladeira na mão, molestando vizinhos, ou brigando na escola".

Continuando no vosso retrato, depõe, adiante, Alvarado Furtado:

"Anos depois nos reencontramos numa missão comum, que ainda hoje nos impõe o magistério superior. A mesma compostura, o mesmo comportamento. O mesmo homem afinal. Fiel a si mesmo e às suas convicções. Não discute alto (...) Bom professor de História. Aulas eruditas, didaticamente bem desenvolvidas através de uma excelente motivação".

No mesmo ano de 1966 publicáveis "Universidade, Trabalho e Automação"; por sinal com prefácio meu, onde acentuei que o vosso estudo nos dava uma amostra das linhas mestras de vosso pensamento social cristão, pugnando pela humanização do trabalho e implantação duma civilização solidária, em que o "ser" sobrepujasse o "ter". Não divisáveis na era da automação, em si, um perigo, tudo dependente da posição que fosse concedida ao homem e do respeito à sua dignidade pessoal.

Seriam também de vossa autoria "Educação e Liberdade", conferência pronunciada em 1978, quando da instalação da Universidade Regional de Mossoró, nossa terra de nas-

cimento, e a oração de paraninfo dos economistas de Natal, intitulada "Economia e Promoção", depois muito desenvolvida, entrando na coleção Textos Acadêmicos, da UFRN.

Mas vossa obra básica, agora em 2a. edição, trata da "Introdução ao Estudo da História", lançada pela empresa "Nossa Editora" de Natal, (1984).

EM VOSSA CASA

Dando-vos as boas vindas desta Academia ao novo confrade, sr. João Wilson, reforcei minhas próprias palavras trazendo à coleção depoimentos valiosos de eminentes professores e escritores, relativos às vossas inúmeras atividades culturais e educacionais.

Estes méritos vos abriram, de par em par, as portas desta Casa, que passa também a ser vossa.

Em ampla visão da história, expussetes num dos vossos livros, a convicção, profundamente cristã, de que o homem não faz sozinho a sua própria história, nem está brutalmente entregue a fatores materiais e externos. Acima dele, encontra-se o Senhor da História, que é Deus.

Com efeito, vivendo a sua história, acha-se o homem sujeito às leis de um duplo movimento, a que aludiu o filósofo Jacques Maritain, no seu estudo "Sobre a Filosofia da História". De um lado, a lei da degradação, do outro a lei da revitalização. Ambas ilustradas pela sabedoria eterna de Cristo, na conhecida parábola do joio e do trigo. Sempre a coexistirem na terra, a crescerem juntos, até o dia da colheita, no final dos tempos. Altos e baixos, grandezas e misérias, necessidade e liberdade.

A nós, cristãos, — e esta é a vossa posição — cumpre alimentar uma substancial dose de otimismo, diante do mundo e da sua história, porque somos todos os cooperadores do plano divino de salvação, para assegurar uma ordem social mais humana, mais justa, mais fraterna. Embora certos, não nos iludamos, de que semelhante ideal nunca estará plenamente realizado, neste mundo, confirmando as palavras proféticas de Maritain: "O cristão jamais terá repouso, enquanto durar a História". É este o nosso papel, como sal, fermento e luz do mundo, tantas e tantas vezes desvaído.



TRÊS HOMENS NA CENA LITERÁRIA

MEIRA PIRES, CONTRIBUIÇÃO VALIOSA AO TEATRO NACIONAL

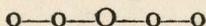
Discurso de posse do Acadêmico João Wilson Mendes Melo (Cadeira 25, em 15-3-83)

A Academia Norte Riograndense de Letra minha saudação entusiasta. Todas as honras e louvores aos pioneiros que em nove de agosto de mil novecentos e trinta e seis se reuniram em casa de Luiz da Câmara Cascudo, à Avenida Junqueira Aires e fundaram de fato, esta instituição que, em seguida, a quatorze de novembro, teve nascimento legal na sede do Instituto de Música, à rua Vigário Bartolomeu, 630.

Este aplauso que hoje repito, foi realmente fruto de um grande entusiasmo porque vi concretizado um desejo antigo dos seus fundadores, aos quais acompanhava cheio de admiração como aluno de alguns, como jovem encantado pelos outros que conhecia e admirava de longe. Vibrei com a sua fundação porque um quase lamento ouvido do seu primeiro Presidente não se repetiria mais. Quando em companhia de alguns, em dia já distante procurei Henrique Castriciano em sua então residência da Princesa Isabel, para comunicar a fundação da Academia de Letras do Ateneu Norte Riograndense, ele, com um leve traço de desapontamento, segredou: "Vocês jovens foram mais diligentes; não conseguimos ainda organizar a nossa instituição". Mas, um dia até bem próximo daquele, a instituição dos maiores surgiu. Firmou-se no ambiente cultural do Estado e do país e está bem forte para servir à mais bela das artes, no dizer de Alceu de Amoroso Lima, porque é a arte da palavra.

Contestada se é ou não a origem das outras atividades humanas, a inteligência, pela idéia, é a mais permanente. Oswald Spengler quis dividir a História da humanidade pela história da arte, enquanto outros, muito depois, não muito justificadamente, vêem maior impulso determinante no modo de produção das riquezas materiais. A inversão de uma ordem que parece pelo menos mais lógica, não inibe a conclusão final de que o espírito continua a pairar sobre as águas, sobre as terras e os ares.

Quando tudo estiver passado, todos os aspectos da vida poderão ser esquecidos, mas uma história das mentalidades e das artes poderá ser reconstituída, para que a vida renasça, como antes, das idéias, das crenças, da sabedoria que a meditação e o bom senso originaram.



Chego para o convívio dos que sempre admirei, almejando passar a ser, de fato, um dos seu pares.

Numa longa, progressiva e cronológica trajetória, venho da Associação Potiguar de Estudantes e do Centro Estudantil Potiguar onde experimentei os primeiros passos de aprendizado da vida pública e de contacto com os auditórios e com a tribuna.

Venho da oficina e redação de O Idealista, ao lado de Jessé Dantas Cavalcanti, numa experiência jornalística quase infantil, em que no Ceará-Mirim, eramos redatores, tipógrafos, paginadores e gazeteiros, no mais ingênuo e grandioso empreendimento, de puro ideal e comovedora ação intelectual jornalística. Sou egresso, igualmente, das redações de alguns jornais da nossa província literária, como A Razão, com Aluisio Alves e Damasceno Bezerra, discípulos que eramos do pensamento e da pena formidável de Eloi de Sousa, e ainda de A República, com Waldemar de Araújo, Rivaldo Pinheiro e Luis Maranhão Filho, e de A Ordem, com Ulises de Gois, Otto Guerra e Nazareno Aguiar.

Venho, em trajetória constante, do Grêmio Literário Gotardo Neto, com Antonio Soares Filho, Hélio Galvão e Geraldo Fernandes de Oliveira e recorro às sessões domingueiras em que defendíamos Olavo Bilac, Rui Barbosa e Machado de Assis, com a ilusão jovem de que já sabíamos compreender o mundo; venho da Academia de Letras do Ateneu Norteriograndense, guardando a saudade dos companheiros falecidos e dos ausentes e preservando a amizade de Geraldo

Fernandes de Oliveira, Severino Monte, Gilberto Tinôco, Raimundo Nonato Fernandes, Waldir Leopoldino Cavalcanti, Rivaldo Pinheiro, João Cabral Filho e Oriano de Almeida.

Venho do Círculo de Conferências do Ateneu Norte Riograndense, ao lado ainda de Rivaldo Pinheiro, Luis Maranhão e Antonio Pinto de Medeiros, e onde sob a direção cordial e superior de Alvamar Furtado, sacudimos a cidade e o seu meio intelectual e educacional anterior à Universidade.

Venho do Centro de Estudos Sociais, com Aluisio Alves, seu criador, Otto Guerra, Dom Nivaldo Monte, Pe. José Pereira Neto, Murilo Melo Filho, Silvino Lamartine, Alix Ramalho e Margarida Filgueira e de onde brotou uma preocupação que ainda perdura, com os problemas fundamentais da vida em sociedade, notadamente dos seus aspectos injustos, incompatíveis com o espírito do Cristianismo e que com ele, inexplicavelmente, coexistem.

Venho, por fim e o proclamo com satisfação, da sala de aula, do Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de cuja formação fui testemunha atuante, com tantos pioneiros que a cidade, o Estado e o país conhecem, liderados eficientemente pelo professor Onofre Lopes.

Por tudo isso não entendo a Academia como a estação final, estável e gloriosa, aonde fomos todos conduzidos por alguns dos talentos que conseguimos cultivar. Mas, entendendo-a como um lugar de glorificação, é certo, porém como motivação para trabalhos mais intensos, uma espécie de arena ou palco, onde a vida literária de cada um está exposta a uma apreciação maior e o que se tem a dizer será mais ouvido porque mais esperado.

Figurar como membro desta casa é um cargo e um encargo de especial responsabilidade. Há que ordenar as idéias, na época da ideologia: há que dizer com precisão, na época da técnica e do método, como quem diz e faz para ser seguido e imitado; há que preocupar-se, como homem e intelectual, com a dignidade dos outros às vezes violada e lutar com a arte da sua palavra, escrita ou oral, na cátedra, na tribuna, na imprensa, por uma justiça social que dê a todos, na liberdade, condições de viver com alegria; há que manter, mesmo na aparência externa de silêncio, uma intensidade de trabalho e criação, como a postura e o cérebro dos pensadores.

Numa conferência de Olavo Bilac, no Instituto de Música do Rio de Janeiro, sobre a Tristeza dos Poetas Brasileiros, ele dizia que “para que uma idéia ou um sentimento se transforme numa frase literária, é preciso que haja: 1.º emoção; 2.º incubação; e 3.º expressão.

Na fase silenciosa, esta casa pelos seus habitantes, cultiva sua emoção, submete-a à reflexão para o amadurecimento indispensável e, por fim, proclama-a.

As academias, institutos, cenáculos, agremiações, ligas, gabinetes e uniões, apesar do seu formalismo desprezado por muitos, são o depósito dessas atividades superiores, de tantas gerações e se, muitas vezes, hibernam, fossilizam-se e parecem mortas, um dia renascem, pois a vida do espírito é anterior a tudo que foi feito nos sete dias infundáveis da criação, continuada pelos homens por conta da sua capacidade criadora.

Meu ingresso nesta casa, com as palavras de recepção, amigas e por isso generosas de Otto Guerra, é daqueles acontecimentos que marcam período numa vida. Aqui se produz daquele trabalho às vezes intangível, mas quase sempre expresso e palpável, de exaltar o belo e o verdadeiro.

Não impressiona mais a possibilidade de estarmos hoje a pregar no deserto ou de escrevermos sobre a areia. Os desertos mentais já não existem no rigor da expressão. Hoje tudo que é dito é ouvido e seremos todos e todos serão, contra ou a favor. Duas palavras pelo menos podem ecoar em resposta: sim ou não, ao que se ouve, numa prova, portanto, de que as palavras não foram jogadas em vão e seus efeitos, purificadores ou poluentes, serão constatados.

Escrever menos, com a suposição de que não haja leitores, ou por isso não escrever, também parece de nenhuma procedência.

Jesus Cristo escreveu sobre a areia o que considerou estímulo para os homens soltarem as pedras agressivas e perdoarem uma mulher. Da areia sua lição saiu para a memória e ficou presente nos séculos como se Ele tivesse escrito sobre a rocha.

Anchieta, no solo brasileiro, cantou toda a poesia e todo o amor de sua alma santa, fixando suas palavras e pensamentos sobre a areia para uma vida breve, mas essencial à projeção de uma vida mais longa, pelo menos nos seus propósitos, na sua inspiração e na sua posição em face do transcendente e do definitivo.

Parece, assim, se é que já não bastante claro, que a repercussão ou perpetuação dos pensamentos ou construções literárias está muito mais na dependência do seu conteúdo que do seu continente.

Ficaram para sempre e para todos, os pensamentos e as palavras que não foram escritas no seu tempo, mas que tiveram força bastante para conservarem-se coladas à memória de várias gerações, até que gravadas para novos e mais longos períodos de sobrevivência. E é de se ver sempre que, quanto mais difíceis e tumultuados os tempos, os ambientes, as conjunturas e as estruturas, mais as palavras são procuradas, como janelas que se abrem para trazer luz e ar à escuridão. Deixa o sol entrar! recomendam doutrinas novas do nosso tempo.

A literatura traz, como sempre, a luz, o ar, o calor que as portas e janelas fechadas da liberdade ausente ou relativa, impedem de existir.

Por isso, defendo o ofício de escritor que esta casa patrocinava prometendo a imortalidade.

Os que tanto batalharam para comunicar pela palavra e pela escrita a realidade que viam ou o surrealismo que sonhavam e as vezes anteviam, não perderam seu tempo mas realizaram tarefa que o futuro, inclusive, dirá mais útil ou menos útil, mas sempre apreciável.

Sobre o qualificativo de imortal cabe uma breve reflexão. "Os deuses homéricos não eram eternos, eram imortais, o que supunha um fim não pela morte mas pelo término de um tempo menor, de uma fração da eternidade."

A imortalidade acadêmica que implica na constante referência dos que chegam sobre os nomes dos que se foram, pretende captar uma centelha da luz daqueles deuses cujo nome original grego também significa dia. Se a memória sobre cada um não morre, será que as idéias de cada um não vão sequer envelhecer? Se não as nossas próprias idéias, pelo menos aquelas que abraçamos e defendemos. Através delas poderemos permanecer.

É assim a imortalidade que aos nossos antepassados podemos conceder. São lembrados hoje e o serão para sempre, pois não sei em que dia, em que noite, mas alguém desta tribuna repetirá os seus nomes no futuro, e outros mais e mais o farão igualmente. A memória os reterá aqui e os teremos

sempre vivos na perspectiva do tempo. Já é um privilégio e uma eleição para os que sonharam e realizaram, de irmão para irmão.

Na ordem dos que estiveram antes neste lugar que passo jubilosamente a ocupar, figuram três nomes engrandecidos pelo que pretenderam ser e realizar, pelo que pensaram, pelo que admiraram, pelo que disseram e cantaram.

Ponciano Barbosa foi o sonho e seu cântico, Meira Pires foi a realidade, captando-a no contexto das suas peças para o teatro, imitando a vida no palco e embelezando-a pela convivência que proporcionava.

Um traço comum entre os dois é que Ponciano também escreveu para o teatro.

E entre as figuras do sonhador e do homem da cidade e do palco, encontro com o dever de relembrar em primeiro plano, ad perpetuum rei memoriam, também o humaníssimo Aderbal de França, tão intimamente simples e silencioso que teve em compensação a vocação de jornalista para se fazer notar e ser presente pela leitura diária dos seus contemporâneos.

PONCIANO BARBOSA — a poesia simples da província.

De Ponciano Barbosa, as peças Ave Maria, Sonho, Mascaras e Perfeição, foram muito lidas e apreciadas no seu tempo. Mas, seu maior valor está na poesia que fixou nos livros Dúvida, Livro Humilde, de 1915 e 1916, respectivamente, e no Vas Spirituale, inédito à data de sua morte.

Sua poesia, como diz Câmara Cascudo “é triste, suavemente melancólica, docemente nostálgica”. Tanto que calharam muito bem nos lamentos das serestas de ontem que hoje se repetem, porque a paixão e a exaltação do amor que são de todas as épocas, de todas as datas, nas noites românticas suavemente acontecem. Muitas de suas poesias foram, assim, transformadas em canções, enriquecidas da musicalidade, ou então, à música do tempo acrescentaram-se os valores das suas inspiradas palavras.

Ele era poeta em todas as horas, mas teve, igualmente, uma visão do cotidiano e foi colaborador literário dos jornais O Dia, O Potiguar, Diário de Notícias, Jornal da Manhã e A República.

Destacou-se também como orador. Teve a maior repercussão sua última conferência sobre o “Padre João Maria”, com o sub-título de “Notícia Histórica de sua Vida, seu Tra-

balho Apostólico e Benemérito" Proferiu-a no Círculo Operário de Natal, no dia 10 de outubro de 1918. Foi este seu último trabalho intelectual.

Vejo e sinto a presença de Ponciano Barbosa na cidade pacata e triste. Ele emerge daquele ambiente e daquelas pessoas porque pensava mais que todas as outras na beleza das coisas e lutava para dizê-las. Ele sonhava mais que as outras e vivia, assim, num mundo acima do real, embora os seus sonhos fossem modestos, todos feitos de amor ingênuo, feitos de pouca ou de nenhuma carícia, feitos de distâncias, de ausências, por isso de saudade e de dor. Tudo, realmente, no terreno do sonho, sem se realizar. Ele próprio não se realiza à altura dos seus méritos, como poeta, para o futuro, mas continua de alma limpa, a ver-sejar pelas ruas antigas que permanecem na lembrança com as configurações primitivas.

É nessas ruas de antigamente que deve ser procurado para a imortalidade, e dele falar-se como se fala daquilo que o passado não matou porque tinha valores para sua cidade, mais fortes que o tempo. E é de lá, dos idos de 1915 a 1918 que parte a ressonância dos seus cânticos, para os que têm ouvidos e olhos para ouvirem e verem, à distância dos dias e das noites, um poeta a espalhar pelas vias da cidade silenciosa, os seus versos sentidos e cantados para ele próprio, principalmente, e para os que fossem áptos a sentir a mesma linguagem.

O seu mundo deveria ser aquele das cidades pequenas que hoje conhecemos, onde o tempo se escoia gelatinoso e frio, silencioso e calmo. Onde o deserto das ruas dá uma sensação coletiva de solidão e a segurança de cada um no seu espaço individual, e faz do ambiente um pequeno mundo povoado de desejos e de ânsias de conhecer as distâncias que o separam do tumulto. O tumulto que ele, então, deveria recordar, mesmo sem o ter conhecido, somente pelo instinto humano da convivência.

A pequena cidade como era Natal, inocente da sua posição geográfica, nos caminhos aéreos de um futuro então próximo, embora por um tempo limitado à duração de um estágio técnico da arte de voar; inocente da sua vocação de trampolim de uma vitória humana e militar que seria apenas uma vitória num percurso longo, difícil e frustrado para a paz do mundo. Sua humildade de cidade com ares de santa e nome santo, deveria ser exaltada como tudo que é humilde, sem que ela o pressentisse.

Nela, como em outras do mesmo porte, não se olhava o intelectual senão com atitude de admiração e respeito pelo seu valor, com gestos ou pensamentos de louvação a uma grandeza imaterial que ele materializava. Era diferente do profano dos nossos dias que pode olhar o intelectual como apenas o membro de uma classe de privilegiados que têm grandes e substanciais qualificativos e realizam coisas que qualquer um nas mesmas circunstâncias e com os mesmos meios poderia realizar. Reconhecem-se, no entanto, muito de grandeza na produção intelectual mesmo que não consiga os padrões mínimos de perfeição, hoje desvencilhados da forma e atentos ao valor das palavras ditas.

Ao tempo desse patrono, a preservação da forma, do ritmo das frases e da rima, muitas vezes, quando o talento não era dos maiores, segurava as idéias que tendiam a voar mais alto, amarrando-as ao chão que pisavam, pela necessidade de se amoldarem à forma ou à roupagem previamente determinada, no número de sílabas e nas terminações musicais.

Sem desprezar o valor dessas regras e dessa disciplina, podemos lamentar, no entanto, que elas sejam em parte responsáveis por alguma mediocridade que poderia não ter existido ou que poderia ter sido atenuada.

Ponciano Barbosa tinha a verve dos poetas natos, aquela atenção voltada para as coisas belas, sobretudo da natureza. Via todas essas coisas com olhos e sentimentos que ultrapassavam os olhos e os sentimentos comuns, e uma prova de sua relativa superioridade é que não se sentia bem consigo mesmo e com sua forma de dizer e externar, como quem tinha visões maiores mas faltavam-lhe instrumentos para captá-las e externa-las.

Efetuara, realmente, um curso superior, pois era bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife, mas, onde a exata percepção das coisas que, sobretudo a erudição ou a cultura conseguem dar? Poderia, sim, haver a superação de sua falta pelo profundo exercício de pensar, do qual pode advir uma sabedoria que foi aquela dos primeiros pensadores, dos primeiros filósofos da humanidade, na aurora da civilização e do humanismo.

ADERBAL DE FRANÇA — A CRÔNICA AMIGA

Quanto a Aderbal de França, lembro-me de quando foi nomeado diretor de A República, o fato de que durante várias

edições as páginas do jornal eram cheias dos telegramas de felicitações, demonstrando que Danilo, o cronista, era conhecido e estimado pelo Estado todo que vibrou com a sua ascensão funcional como jornalista.

Estudante de medicina que foi até a matrícula do quinto ano, aprendeu muito sobre a psicologia das pessoas, aprendizagem que usou mais que os conhecimentos dos males do corpo. A finura do estilo nas suas crônicas diárias e os temas de que se ocupava, são uma prova de que desejava contribuir para uma moral elevada e um comportamento alegre das pessoas. A amargura não figurava nos seus assuntos e as palavras tristes primavam pela ausência.

Suas crônicas, sistematicamente iniciadas na edição de A República de 8 de junho de 1928, eram comunicação para todas as horas. Sem dureza de palavras e sem temas amargos, não eram indiferentes a nenhum aspecto da vida, mas, ao contrário, sabiam lidar com eles, constituíam a dose certa e constante para um regime de manutenção de vida otimista e feliz.

Assim, também, foi sua colaboração na Gazeta de Notícias, no Rio-Jornal, no A Pátria, no O Norte, na Revista Musical e no Semanário Mundo Médico, bem como na revista Cigarra (de apenas cinco números) por ele fundadas.

Aderbal de França fez, em síntese agradável, uma espécie de história do tempo presente.

No seu único livro, de 1926, Vida Profana, reuniu algumas de suas melhores crônicas.

Em O Diário, de que foi o fundador e depois no seu sucessor e continuador Diário de Natal, ainda hoje presente, continuou a escrever sua comunicação constante. Inicialmente sob o título de Vida Social e depois com o título de Crônica Social, até a edição de 7 de abril de 1972.

Na última Crônica, ele que foi sempre por tantos anos seguidos um mensageiro de boas novas e de palavras de estímulo, falou dos serviços postais brasileiros e exaltou a figura do mensageiro, do carteiro simples mas que, na sua opinião contribui "para a elevação social e política do mundo".

O ano de 1974, do seu falecimento, encerra uma fase gloriosa da crônica social em nossa terra.

Essa vida fecunda de jornalista, de cronista que amava o registro e a comunicação dos atos sociais foi presen-

ciada em parte e não é demais dizer, foi assimilada na sua grandeza, pelo mais próximo ocupante desta cadeira n. 25 que foi Inácio Meira Pires.

MEIRA PIRES, O TEATRÓLOGO

Talvez seja difícil explicar as razões de uma vocação, mas não é difícil identificá-la nos indivíduos a quem se observa por mais tempo e, especialmente, naqueles de quem se conhece a vida. Tal qual as outras paixões, a paixão pela espécie de trabalho que sublima as pessoas e que nelas se realiza plenamente, não se esconde por mais que haja silêncio sobre ela.

Meira Pires, nascido em 15 de março de 1928, no Ceará-Mirim, foi uma vocação para o teatro. Algumas vezes a aventura da interpretação o empolgou e ele foi levado a realizar o Curso de Arte Dramática da Escola de Teatro e Cinema do então Distrito Federal, no Rio, mas foi bastante fugaz, porque sua inclinação era servir ao teatro de outra forma: ornamentá-lo com uma casa inspiradora e acolhedora e povoá-lo de personagens vivas, tão vivas ou verossimilhantes que, como os da realidade, são grandes e pequenas como pessoas, são eficazes, inteligentes ou são tolas, fúteis ou vulgares, como, igualmente, os ambientes que habitam, colorindo-os ou denegrindo-os.

Sua vida foi tão dedicada ao teatro de que cuidou materialmente com carinho como se fosse pessoa, que é impossível dissociar sua figura humana da nossa casa de espetáculos da Ribeira. Ele conseguiu renovar seu artístico e suntuoso edifício, aos que o viam de fora e aos que podiam gozar do seu interior, bem como conseguiu povoá-lo no palco, das personagens que criou e nas suas platéias dos indivíduos que motivou, educou para espectadores e, por fim, convidou e instou para que fossem presentes.

É impossível contornar-se o Teatro, por sua vontade chamado Alberto Maranhão, sem divisar sua figura irrequieta, no foyer, para as boas vindas. Há uma associação imensa entre sua figura humana e a materialidade daquela casa, tal a influência sobre a sua aparência e sobre a vida que fez desenrolar dentro dela.

Passado pouco tempo da sua morte que bem poderia ter esperado a realização de um trabalho maior, de acordo com as suas possibilidades de inteligência e vontade muito forte, os que o conheciam mais de perto ainda estão e esta-

rão por algum tempo naquele período de transição após os fatos traumatizantes e irremediáveis e de acomodação às situações novas, desfalcadas de pessoas e coisas vitais, mas que, malgrado seu valor, foram retiradas prematuramente do mundo.

Contribuir para que sua memória perdure é uma tarefa que procura vencer a morte no imaterial que dela se desprende.

Esta Casa é povoada pelos que venceram assim, porque bem realizaram nesta parte superior de si que é a inteligência, com repercussões no resto do mundo, pela sua verdade e pela sua beleza.

Ele poderia ter lastimado também, como o clássico poeta, ter sido "para tão longo amor tão curta a vida", ou ainda poderia ter chorado ou feito como Olavo Bilac a sua maldição "pelo esplendor do que deixei de ser".

Quase sempre as vidas mais produtivas têm suas muitas produções num tempo limitado. Seus apenas cinquenta e quatro anos não o impediram de ser autor de quatorze peças teatrais e cinco estudos sobre teatro; de ter sido diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério de Educação e Cultura de que foi também Delegado por mais de quinze anos; de ter ocupado a direção do Teatro Alberto Maranhão e de haver exercido muitas outras funções administrativas de relevo. Não o impediram de ter sido realizador de congressos nacionais e de festivais regionais de teatro e de ser o principal responsável pela criação da Sociedade Nacional de Teatro Amador (SONATA) e de ter sido fundador do Teatro de Cultura e do Teatro Escola de Natal; de possuir inúmeras condecorações e medalhas de mérito, inclusive as medalhas de Ibsen, Bernard Shaw e Machado de Assis, concedidas pelo Ministério da Educação e Cultura.

O busto de bronze nos jardins do Teatro Alberto Maranhão foi mandado colocar pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

A consagração dos seus trabalhos literários está nas referências de Luis da Câmara Cascudo, de Juracy Camargo, Guilherme de Oliveira, Hermilo Borba Filho e Procópio Ferreira, este último que lançou no Brasil a comédia O Bonitão da Família, que Meira Pires escreveu aos dezenove anos de idade. Essas referências constam das plaquetes em que foram publicadas suas principais peças teatrais, bem como de correspondência com o autor. Pelo seu dinamismo mereceu

de Câmara Cascudo o cognome de "ventania do nordeste", próprio do seu porfiar irrequieto e constante. Dele disse Edgar Barbosa: "Meira sempre me pareceu um inspirado, alguém possuído por um demônio bom e dominando esse demônio pela absoluta convicção desse sonho".

Waldemar de Oliveira afirmou: "A palavra de Meira Pires é sempre ouvida com merecido respeito por ser a de um homem que conhece os problemas do teatro nacional, profissional ou amador, e, ainda, pela linha de correção moral com que costuma agir, um dos traços mais fortes de sua personalidade".

Nilo Pereira ao saudá-lo na posse nesta Academia, na noite festiva de 5 de junho de 1975, disse: "Hoje, senhor Meira Pires, lançais esta Academia no palco de vossa vida que é uma agitação permanente". E acrescentou adiante: "Ao invés da peça Está la Fora um Inspetor, podemos dizer, em boa paz e boa segurança, que um agitador está aqui dentro. Mas um bom agitador, um homem de incansável luta e de intermináveis planos, um visionário incessante".

Porém, neste ambiente ele não teve, realmente, muito tempo para agitar, mas o fez enquanto pôde e permitiram as circunstâncias.

No seu discurso de posse, Meira fez uma profissão de fé e disse dos propósitos que o iriam animar e certamente o animaram. Disse alto e bom som: "A finalidade desta casa deve ser dilatada" e acrescentou: "Aceitem a minha sugestão como o primeiro passo de ajuda que me proponho dar à Academia para que ela, rejuvenecendo-se possa acompanhar de perto a realidade contemporânea e suas oscilações, dando um sentido mais longo e ainda mais alto às suas atribuições tradicionais, fascinantes e eternas".

Suas peças de teatro foram: Destino, O Homem é o Lobo do Homem, o Bonitão da Família (comédia), O Biriba Chegou (comédia), Lágrimas de Fogo (alta comédia), Crime e Pecado (alta comédia), As Mulheres me Pertencem (alta comédia), Nascido do Amor (alta comédia), A Mulher de Preto, Um Resto de Homem (tragédia), Rumos (alta comédia), João Farrapo, Terras de Arisco, Cabeça do Mundo, Senhora de Carrapicho, A Miséria da Carne e Beatos do Catimbó (inédito).

Os estudos por ele publicados são: Teatro Elizabetano, o Teatro Que Aprendi (crônicas e ensaios), Uma Política de Teatro no Desenvolvimento do Nordeste, Teatro Infantil

na Escola, Alberto Maranhão e Seu Tempo, O Papel da Reserva Militar, Caxias, o Pacificador, FENAT, um Projeto Cultural, Carta à Minha Mulher, Perfil do Amigo Morto (sobre Hermilo Borba Filho), Discursos e Imagens do Tempo (também discursos) e História do Teatro Alberto Maranhão.

Meira Pires viveu, realmente, o teatro. No princípio de sua carreira, mereceu de Renato Viana, comentando a Mulher de Preto, a seguinte expressão: "É um moço que honra ao seu Estado e ao Brasil". José Américo de Almeida, ainda mais enfático, acrescentou: "É realmente uma grande vocação teatral destinada a uma carreira das mais brilhantes conquistas". E Anísio Teixeira, muito sintético e eloquente: "Meira Pires é professor de teatro". Pascoal Carlos Magno: "Meira Pires é uma legítima vocação teatral".

Sobre a peça Um Resto de Homem, assim se expressaram Luis da Câmara Cascudo e Juracy Camargo, em nota por ambos assinada: "Raramente um trabalho consegue impressionar-me tanto como Um Resto de Homem, resultado positivo e real de um talento superior na plenitude de todos os poderes da imaginação". E Juracy Camargo, sozinho, em outro estudo crítico: "Trata-se de uma peça de vanguarda, sobretudo no que concerne ao processo cênico dos diversos planos que constituem uma forma de expressão a mais no conjunto das que o teatro oferece aos legítimos dramaturgos". E ainda Juracy Camargo, em outra oportunidade: "A obra de Meira Pires não merece apenas a minha admiração, mas o meu respeito." E Bibi Ferreira, em carta ao autor: "Sua peça, lia-a outra vez, é fabulosa. Quero muito trabalhar nela. Ela será montada de qualquer maneira".

Sobre O Bonitão da Família, opinou Procópio Ferreira, também em carta ao autor em vinte de junho de 1948: "Li com imenso prazer a sua comédia O Bonitão da Família. Achei-a engraçadíssima. Vou incluí-la no meu repertório.. Você é, realmente, um dos valores novos com o qual o teatro brasileiro poderá contar. Estou certo de alcançar com ela grande êxito, em virtude de considera-la, no gênero, uma obra de raro valor. A sua vocação para o teatro é uma das maiores revelações dos últimos tempos".

Meira representou, como autor de grande brilho, nas suas peças Alguém Chorou a Perdida, A Mulher de Preto e no O Bonitão da Família. Também representou com invulgar talento As Mãos de Eurídice, de Pedro Bloch.

Como homem, esposo e pai, deu provas de uma imensa dedicação e grande amor. Na sua carta "Carta à Minha Mulher", de cinco de setembro de 1977, por ocasião do jubileu de prata do seu casamento com dona Ismenilda Leite Meira Pires publicada em plaquete e que Nilo Pereira no prefácio chama de "poema", de "evangelho do coração" e de "salmo do bemquerer", Meira diz a certa altura, dirigindo-se à esposa: "Quero dizer-lhe, com a resistência moral e espiritual de que sou dotado, que a cidade onde habitamos somente ganhou a obra cultural e artística que foi por mim levada a bom termo, porque você me proporcionou completa tranquilidade de ação".

Em outra carta, de trinta e um de dezembro de 1979, dirigida a sua filha Sarah, confessa: "Sou o velho chorão que compartilha das alegrias e tristezas da família". E mais adiante: "Se algo existe entre o céu e a terra é o amor que desfaz barreiras e ergue com solidez a perenidade das coisas e nem o tempo que tudo destrói conta com resistência bastante para diluir".

Em outra correspondência à sua esposa diz como arremate de toda sua concepção de vida, do seu amor e de sua fraternidade: "Não tenho medo de morrer, tenho saudade da vida".

É bem uma demonstração do seu amor à vida. Não lhe era bastante vivê-la intensamente no amor dentro da família, na participação social e política, na contribuição às idéias e à mentalidade reinantes. Criava vidas que povoavam a ribalta quando as três pancadas de Mollière sobre o tablado e a subida do pano, abriam para um público curioso e espectador, instantâneos da existência, cópias ou ficções verossímeis. Uma forma de prolongar a dinâmica da vida, gerando acontecimentos e situações que demonstram movimento e dizem das concepções do autor. Fazer teatro era uma das formas de sua energia. Ele que era "ventania", na expressão carinhosa de Câmara Cascudo, aragem quente e forte do Nordeste, encontrou na literatura do palco, os moínhos de vento de que precisava para movimentar e servir intensamente aos homens.

E os temas que explorou são aqueles que estão nas existências em nosso derredor e que muitas vezes não vemos porque queremos olhar mais longe, por cima deles. Meira Pires, então, nos chama para olharmos o vizinho.

As cenas que fez e estão aí para nossa apreciação, gritam alto o positivo e o negativo do comportamento humano e sugerem posições eloquentes diante do mundo.

Por isso é que sua aceitação foi tão grande pelos que, no Brasil do seu tempo, conhecem a técnica do teatro bem como a teoria e a prática da vida. Dizer como disseram de sua peça, Um Resto de Homem que ela teria de ser montada fossem quais fossem as dificuldades, é mesmo que dizer: o pedaço de mundo e de convivência que você criou tem vida demais para não aparecer, concretizando-se no espaço da ribalta, para admiração coletiva.

Geralmente conhecemos a parte superficial dos homens que dividem conosco o pequeno espaço, porque as limitações e os defeitos são mais visíveis, pelas propriedades inerentes ou pelos nossos olhos e pensamentos limitados e infensos ao elogio do outro. Mas a distância, decorrente do espaço e do tempo, paradoxalmente, estimula as causas de um conhecimento mais profundo.

Meira Pires foi mais conhecido e admirado pelos que o conheciam através da sua obra vasta e universal nos aspectos que explorou. É possível chegar a conhecê-lo melhor. Assim desejo e recomendo, numa atitude de justiça.

O historiador A. E. Taylor escreve que "a vida de um grande homem jamais pode ser o mero registrô de fatos indiscutíveis. Mesmo quando tais fatos são abundantes, a verdadeira tarefa do biógrafo consiste em interpreta-los; deve penetrar além dos simples eventos, no propósito e no caráter que eles revelam, o que só consegue fazer através de um esforço de imaginação construtiva". Meira Pires está a exigir esse esforço de imaginação para revelar tudo que esse homem do nosso convívio recente realizou na criação literária. Ele, que foi da vida para o palco e que revelou tantas personagens cheias de movimento e atitudes que parecem, em determinados momentos, saírem do palco para a vida.

Se ele não teve uma grandeza intelectual ainda maior devemos atribuir às circunstâncias do lugar, às amarras naturais do espaço e à interposição dos outros, os outros da concepção amarga de Jean Paul Sartre.

Mas, a universalidade de sua inteligência, de sua ação e de seu processo de agir estão nos adjetivos e qualificativos que mereceu dos que tinham autoridade para dizê-los.

* * *

A esses nossos intelectuais e a muitos outros, estendo a expressão das circunstâncias e das amarras naturais do espaço como dificuldades e às vezes estrangulamentos de sua ascensão maior. É que os que são feitos para voar grandes alturas têm as asas grandes. E deles poderíamos dizer como Charles Baudelaire daquele albatroz que em alto mar é aprisionado pela equipagem de um navio e forçado a andar no tombadilho, causou ilaridade, porque

Ses ailes de géant l, empêchent de marcher.

Foi assim com tantos homens de valor da nossa terra. Suas asas de gigante os impediram de marchar, de marchar mais e melhor sobre os acidentes do seu solo e os escombros da vida, pois foram feitos para sobrevoar.

Meus senhores! A evocação desses homens que aqui lutaram e daqui nos deixaram um legado valioso, faz reviver a memória e, usando uma expressão popular dos nossos sertões, "responde" no coração, onde aprendemos a fixar os melhores sentimentos, o amor e a amizade.

E' que essas palavras e a atitude isolada de um acadêmico que se acrescenta aos outros tão ilustres, sejam entendidas como se fossem a repercussão de um vozerio, de uma verdadeira manifestação tumultuosa, causada por tantos que ainda hoje, desejam saudá-los e louvá-los ao mesmo tempo, efusiva e estrepitosamente, porque são imortais.

Eles contribuíram para elevação mental da região e para a afirmação eloquente de que a inteligência, a sensibilidade e a dignidade humanas também estão entre nós, habitantes das margens deste Rio Grande, com toda sua força criadora e transcendente grandeza.

